

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 290/2014

REFORMA OU REVOLUÇÃO

Este dilema perseguiu os socialistas do Ocidente durante quase todo o século passado, com o predomínio da tese da Revolução, sustentada pelas realizações das grandes revoluções soviética e chinesa. Os reformistas foram esmagados desde a desclassificação de Bernstein pela crítica demolidora de Lênin e Rosa Luxemburgo, e a socialdemocracia europeia do pós-guerra, administrada por partidos socialistas no poder, era considerada pela ortodoxia socialista mais uma solução de engodo capitalista do que um caminho efetivo para um socialismo de implantação gradual.

A derrocada soviética e o pragmatismo da China socialista mudaram profundamente o balanço de forças a favor da Reforma, na medida em que se verificava claramente o crescimento de dois fatores inviabilizadores da Revolução no Ocidente: de um lado, a rejeição da via revolucionária por parte dos trabalhadores, que adquiriam condições melhores de vida e não eram mais aqueles que “não tinham nada a perder senão os grilhões” do tempo de Marx; de outro o desenvolvimento das tecnologias de controle e repressão policial-militar que foi tornando cada vez mais inviável o êxito de uma revolução armada. A esses dois, acrescentou-se um terceiro e definitivo fator: a democracia firmou-se como um valor em si mesmo, que a Revolução teria de eliminar para implantar o socialismo necessariamente através de uma ditadura.

O Socialismo como ideal político, entretanto, não desmoronou junto com a viabilidade da Revolução, e voltou a crescer a idéia do caminho gradual, através de reformas sucessivas de aprofundamento democrático capazes de conduzir, a longo prazo, a modelos cada vez mais socialistas, caracterizados por uma distribuição bastante igualitária da renda, da riqueza e da propriedade do capital. Trata-se de uma nova visão do processo da luta de classes, que passa a admitir uma solução alternativa àquela da Revolução, antes tida como necessária para a tomada do poder e para a implantação da ditadura do proletariado capaz de realizar plenamente os seus interesses. A alternativa seria eminentemente democrática, de desenvolvimento da dialética democrática através do diálogo produtor da “razão comunicativa”, capaz de construir acordos possíveis entre as classes em cada momento histórico, num processo de longo prazo através do qual os interesses das classes dominadas vão se afirmando gradativamente.

Trata-se de uma retomada do projeto da socialdemocracia em evolução permanente que, diante dos constrangimentos da política e da economia europeias pelo forte atrelamento aos interesses do capital financeiro dominador, repontou com vigor na América do Sul neste início do século XXI, sob a liderança incontestada do Brasil.

Eu uso essas expressões ligadas ao socialismo porque sou um velho socialista que nunca perdeu a fé no seu ideal de juventude. A expressão realmente forte, entretanto, é a Democracia, a Nova Democracia, fortemente participativa, que vai gerar o novo modelo de desenvolvimento. Domenico de Masi escreveu um livro de setecentas páginas, cheias do seu saber sociológico de 50 anos, no qual revisita todos os modelos de sociedade que granjearam notoriedade ao longo da História, para concluir que o mundo de hoje está construindo um novo paradigma, um modelo que será o futuro (“O Futuro Chegou” é o título do livro) e que, no seu parecer, será o modelo brasileiro.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 290/2014

Este novo modelo que o Centro Celso Furtado vai discutir em agosto próximo no seu Congresso (Uma Nova Democracia para um Novo Desenvolvimento) não será definido e formulado em tratados acadêmicos mas será configurado na prática política, surgirá da própria Democracia na sua versão mais dialógica e participativa que o Brasil realmente vem elaborando nas últimas décadas. Cito fatos exemplares dessa elaboração: os Conselhos Governo-Comunidade da Prefeitura do Rio no final dos oitenta e o Orçamento Participativo de Porto Alegre nos noventa do século passado; a prática histórica do Partido dos Trabalhadores de estreita ligação com os movimentos sociais organizados, que inspirou partidos congêneres do Fôro de São Paulo; os diversos Conselhos Setoriais e Conferências Nacionais implementados pelo Governo Federal a partir da gestão do PT em 2003; e os protestos populares apartidários e espontâneos que vêm ganhando as ruas de todo o Brasil a partir do ano passado, com várias reivindicações que se podem resumir numa só: participação direta maior nas políticas de governo.

O PT é o grande partido socialdemocrata brasileiro capaz de efetivar a prática política constitutiva da Nova Democracia. É importante que suas lideranças atentem mais para essa responsabilidade histórica e reconduzam o Partido para a sua linha original de ligação com os movimentos sociais, que tem sido naturalmente afrouxada diante das demandas do exercício do poder.

Eu acredito nesse processo dialético; se o PT se perder e se desgastar na luta fisiológica do poder, outra força política rapidamente crescerá e ocupará sua direção.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br